



A MORTE COMO TEMA INTERDISCIPLINAR DE APRENDIZAGEM HISTÓRICA EM ESPAÇO NÃO FORMAL

MARIA CRISTINA PASTORE*

Este recorte origina-se da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional de História na Universidade Federal do Rio Grande FURG e investiga no ensino de História os temas afastados do cotidiano escolar, como morte, sepultamento, procedimentos funerários, arte funerária, em um contexto histórico e social. A pesquisa encontra-se centrada na abordagem qualitativa com caráter exploratório e na análise de conteúdo das narrativas do educando. Assim a observação dos objetos e os sujeitos do passado, a narrativa dos sujeitos do presente analisados nas ruas de um complexo mortuário, ou seja, no cemitério, provoca desdobramentos em um discurso polissêmico, no qual emerge de uma contemplação artística, cultural, social e política do lugar. Consideram a filosofia e sociologia como elementos aglutinadores para pensarmos a relação do homem com a morte.

A partir do local escolhido e da tematica, o desafio foi criar possíveis metodologias que provoquem reflexões e sejam diretamente ligadas ao processo formativo do aluno como cidadão consciente de seu papel na sociedade e no mundo. Objetiva-se com e através dessas atividades, algumas possibilidades, como a dos adolescentes se apropriarem do conhecimento mediado e da relação que a experiência pedagógica pode auxiliar na formação do individuo critico perante a uma sociedade alheia às questões sobre a vida e a morte. Se formar cidadão é uma das funções da História, pensar a cidadania social é refletir sobre a condição humana, inclusão nos processos de reconhecimento e pertencimento. O ensino de Historia deve atentar e buscar cultivar esse pertencimento na ocasião que reconhece e valoriza a historia no qual os alunos vivenciam na experiência da aula visita nos lugares não formais de aprendizagem.

Conforme Circe Bittencourt (2013 p. 22) “A cidadania social, que abarca conceitos de igualdades, de justiça, de diferenças, de lutas e conquistas, de compromissos e de rupturas tem sido pouco explorada e explicitada pela maioria das propostas analisadas”. Assim o sentido de cidadania implica no reconhecimento dos objetivos da Historia, no papel formativo dos alunos, em como o aluno percebe-se incluído nessa historia.

¹ Graduada em Artes Visuais Licenciatura(FURG). Especialista na História do Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura (FURG). Mestranda no PPGH-FURG

Provocar o educando com o método de sair da sala de aula em direção ao cemitério da cidade é captar o interesse, pois perante a pesquisa realizada até o momento nas turmas que foi aplicada a proposta, em uma análise antecipada, não existiu nenhum aluno que ante a atividade ficou insensível. Estimulados durante todo o percurso da experiência à reflexão sobre a relação do local da saída de campo, o cemitério, entrecruzado com a problemática do falar em morte e seus arcanos como práticas sociais, o educando problematiza algumas questões. A partir dos questionamentos e perguntas são frequentes nesse local escolhido, foi solicitado ao aluno que escrevesse essas perguntas e foram entregues para análises. As mesmas problematizam como e o que se aprende em história na perspectiva do educando. Assim a atmosfera do cemitério envolveu questões do cotidiano e a preocupação em descortinar saberes muitas vezes inexplorado pelo ensino de História.

Considerando o tema abstrato, distancia-se da opinião em geral de que os jovens estudantes não estão preparados para falar em morte, pois diante da inevitabilidade da morte ir ao cemitério para compreender a vida tem relação com a história do homem, permite desconstruir a ideia de que somente se vai ao cemitério para orar e despedir do falecido. O cemitério conta história pelas ruas e mausoléus, esculturas e epitáfios que narram o sentimento da morte, expressam saudade.

LUGAR DE ENSINO/APRENDIZAGEM: A COMPETÊNCIA DO CEMITÉRIO

O debate sobre as questões aqui apresentadas, provocadas pelo local da realização da experiência pedagógica, emerge da contemplação histórica, artística, social e cultural do lugar. Possuem desdobramentos que consideram a filosofia e a sociologia como elemento essencial para pensarmos a relação do homem com a morte.

O sociólogo Bauman (1998, p. 199) convida a refletir: “Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para ser notada e excessivamente habitual para despertar emoções intensas.”, sugerindo ocultar da memória coletiva as práticas funerárias impedindo o conhecimento da morte, induzindo, assim, ao individualismo. Ariès (1977) assinala que

até a pouco tempo a morte era aceita como inerente a vida, as crianças participavam dos ritos funerários naturalmente.

Nos últimos anos as pesquisas sobre cemitérios e a morte e seus mistérios tem se intensificado. Em geral, todas as cidades possuem um espaço de homenagens e cuidados com os mortos, desta forma os estudos sobre e nessas necrópoles são relevantes ao conhecimento de um passado social e cultural e de um presente acobertado pela falta de prospecção para morte.

A etimologia da palavra cemitério, de acordo com OTOBELLI & VAILATTI, (2007, p 17) considera o latim “coemiterium” que significa “lugar onde se dorme” e a palavra origina do grego koimetérion, “quarto de dormir”, se referindo aos termos que utilizamos como “última morada”, “descanso eterno”. Assim, a necrópole assume questionamentos históricos, em uma perspectiva contemporânea e dentro de uma esfera realista da condição do ser humano: o morrer perpassa o tempo, a memória e a identidade dos atores nesse cenário, embora urbanamente invisível. O espaço cemitério, segundo Foucault:

Exemplificarei com a estranha heterotopia que é o cemitério. Um cemitério é, em absoluto, um lugar diverso dos espaços culturais comuns. É, porém, um espaço intimamente relacionado com todos os outros sítios da cidade ou estado ou sociedade, etc., uma vez que cada indivíduo e cada família tem familiares no cemitério. Na cultura ocidental o cemitério sempre existiu, apesar de ter atravessado mudanças radicais. (FOUCAULT, 2001, p. 417)

O cemitério se relaciona com outros espaços em uma organização que permite o dialogo com a sociedade. A configuração de um tecido cultural costurado pelas memórias dentro do espaço cemitério permite visualizar condições favoráveis ao aprendizado. Refletindo sobre as condições indispensáveis para a educação, Brandão pondera:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizada. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (BRANDÃO, 1981, p 10)

Desta forma, a experiência pedagógica realizada nesse espaço, pertence ao universo dos temas geradores de interesse por estarem relacionados com a própria vida. Devido aos mistérios e aos tabus envolvendo a morte, a configuração em que se apresenta, pode e pretende provocar interesse em função do poder exercido sobre o imaginário adolescente e até mesmo nos adultos. Envolve disciplinas como Geografia, Sociologia, a Filosofia entre outras, integrando áreas do conhecimento em um único lugar, no qual permite uma organização mental do adolescente e direciona ao interesse do professor. Interesse voltado ao rompimento de caixas padronizadas e fechadas em si, um olhar além dos fragmentos, permitindo compreender a realidade e a complexidade da vida.

Diante dessa atitude contemporânea de reconhecer o cemitério como lugar de ensino/aprendizagem não formal, Brandão nos convida a pensar sobre a escolarização, como se aprende e onde se aprende. Pensar os lugares desprovidos de contingências educativas, entretanto, repletos de significados e representação dos seres humanos.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1981, p. 07)

Os cemitérios possuem muitas histórias para serem contadas aos jovens e as gerações porvindouras, desde que preservados, o que parece não vem ocorrendo. Muita depredação, roubos e descaso das autoridades estão prejudicando um acervo a céu aberto, além da intempérie que estão sujeitas as esculturas e mausoléus em seu interior. Estudar os cemitérios é rever a transformação das cidades, pois o homem sempre se preocupou com os cuidados com os mortos, produzindo verdadeiras obras de arte para ornamentar, decorar ou representar sentimento de perda, resignação ou consolação, registrada pelas obras funerárias e na literatura.

Podemos perguntar o porquê de realizar uma aula/visita em um lugar de invisibilidade social no espaço urbano, o cemitério. Com tantos museus e prédios históricos para conhecer, convidar os alunos adolescentes para um passeio ao cemitério pode parecer estranho, no entanto tem se desenvolvido como uma prática frequente para professores que

trabalham a relação da dicotomia vida e morte. Nesse sentido, a atividade educacional realizada nesta arquitetura mortuária, tende a contemplar uma educação para a vida.

As diretrizes indicadas pelo PCN sugerem um ensino voltado ao cotidiano do aluno, no entanto questões referentes ao morrer e ao cemitério têm sido rejeitadas na sala de aula. Um ensino voltado a reconhecer o aluno como sujeito histórico pretende inserir o gosto pela história, já que se anseia incluir e valorizar as micros histórias que fazem parte da morada dos mortos, relacionando-os aos valores praticados na escola e na família para utilizar no relacionamento com o outro. Valorizando a morte estima-se a vida e incentiva o respeito pelo ser humano.

Conhecimento de vida e morte inerente ao lugar, o cemitério, intitula-se nessa pesquisa como espaço de aprendizagem, parte-se do pressuposto que o campo santo, enquanto patrimônio cultural está repleto de símbolos e significados, códigos estéticos e imagéticos. Códigos que comunicam sentimentos, religiosidade, fé, ou apenas abstração da morte, porem parte do princípio da essência humana: a necessidade da imortalidade.

A noção de espaço aqui apresentado, encontra-se vinculada ao pensamento do geógrafo Milton Santos (1982), quando ressalta que espaço não possui uma única definição, pois a casa, o cemitério, a escola estão presente no cotidiano e se unem como elementos atuantes nas praticas sociais.

Uma paisagem, uma casa, um lago, um lugar só poderá pertencer à categorização espacial se forem evidenciados, atribuídos determinado valores. Milton Santos (1982) define que a sociedade, isto é o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Dentro desta concepção, a investigação propõe o cemitério o espaço de as vivencias compartilhadas.

A pesquisa encontra-se centrada na abordagem qualitativa com caráter exploratório e na análise de conteúdo, contemplando a narrativa do aluno diante da história social e cultural, que devido ao tema abordado provoca um discurso polissêmico. Esse discurso, de oposição ou enfrentamento, aborda atitudes e comportamento divergente e ao mesmo tempo convergente, no sentido de que, cada ator histórico ajusta seu pensamento às informações recebidas durante sua existência. No entanto, muitas podem ser de senso comum. O cemitério é um lugar de tristeza, lembrança da morte e principalmente a certeza da condição

humana da mortalidade, seria uma afirmativa do censo comum, porem, o aluno ao perceber-se conhecedor de fronteiras, imperceptíveis anteriormente à experiência de conhecer o cemitério, poderá realizar suas avaliações cognitivas e compreender as sensações que o momento permite. Como sugere PASTORE, 2013, p 11 citando Freire:

Através dessa reflexão o educando poderá realizar as relações possíveis, podendo regressar, através de um raciocínio circular, ao conhecimento adquirido quantas vezes for necessário durante sua vida. É a gestão do conhecimento a partir de uma compreensão do mundo que propicia o reconhecimento de seu lugar de forma a atuar produtiva e criticamente na sociedade. (FREIRE, 2000, p. 67).

A EXPERIENCIA EDUCACIONAL NO CEMITÉRIO: APREENSÃO E DESAFIOS

A escola proporciona ao aluno ferramentas que contribuem para sua formação, porem percebe-se um esvaziamento do interesse do aluno no que se refere aos conteúdos de história. Novos temas, (PINSKY, 2009) são sugeridos por pesquisadores da área, no entanto inúmeras causas são apontadas como protagonistas da indiferença dos jovens estudantes. Os debates nas questões relativas ao ensino de história e a apatia dos jovens diante dos teores disciplinares devem ser ampliadas e operacionalizadas com ações que contemplem as ansiedades da comunidade escolar e familiar. Ao analisar a complexidade da demanda, AZEVEDO (2012) indaga:

Acreditamos que é emergencial pensar e buscar de fato estratégias para o ensino de história nessa etapa do ensino fundamental. As buscas por alternativas devem ser permeadas por um olhar atento às especificidades que esta etapa de ensino possui, e assim produzem sua identidade própria, diferente das reflexões acerca do ensino de história nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio e superior. (AZEVEDO, 2012, p 13)

Embora AZEVEDO se refira ao ensino de história nas series iniciais, no entanto as reflexões para o ensino fundamental do sexto ao nono ano, e ensino médio, compartilham

das mesmas ansiedades. Não apenas o saber histórico como o artístico, o geográfico, entre outros comunicam as mesmas angústias na mediação do conhecimento. Os desafios de provocar o interesse, a busca por uma aula dinâmica e vibrante e a constatação de frustração, apontam para novas metodologias, conforme pontua PINSKY:

A velha História de fatos e nomes já foi substituída pela História Social e Cultural; os estudos das mentalidades e representações estão sendo incorporadas; pessoas comuns já são reconhecidas como sujeitos históricos; o cotidiano está presente nas aulas e o etnocentrismo vem sendo abandonado em favor de uma visão mais pluralista. (PINSKY, 2009, p 07)

Nesse sentido, a aula/visita realizada no cemitério, proporcionou momentos descontraídos e informais, no quais variados questionamentos foram elencados. Observou-se uma comunicação professor/aluno na perspectiva Freiriana. Durante a atividade foi possível desenvolver a afetividade e mediação, ação e reflexão no ensino de História, aproximando o educando de uma realidade inevitável, porém desconhecida.

Os atores desse processo complexo que é ensino/aprendizagem contribuíram nas suas narrativas fotográficas e textuais, com questionamentos orais relevantes para analisarmos se a experiência oferece resultado positivo. O educando no espaço cemitério oragnizava duas perguntas: _“Professora, tem que pagar para ser enterrado? _Quanto custa essas “casinhas”? _”Que túmulo antigo!” _”Sora! Aqui está um General de Armas? O que é isso?” . São exemplos de questionamentos que surgiram nas ruas do cemitério Católico da cidade do Rio Grande/RS.

Os jovens que participaram da ação mediada compartilham do nono ano de uma escola pública. Esta turma foi escolhida para a experiência por apresentarem maturidade necessária para participarem do evento educacional e devido à abordagem específica.

O cemitério é um lugar de emoções intensas, viver a experiência do conhecimento da morte daquelas pessoas que amamos, poderá refletir de forma angustiante, e o jovem estudante poderá apresentar sintomas de tristeza profunda, comoção, choro e medo. Diante dessa situação normal e delicada, o profissional deve manter o equilíbrio emocional e demonstrar afetividade para com o aluno. Tentar desconstruir o medo, colocando as questões como naturais e inerentes aos seres humanos, auxiliam nesse processo de aprendizagem, já que pode acontecer de forma tranquila ou não.

Conforme KOVACS(2003, p 138), “É importante que se abra espaço para a compreensão da função do ritual, explicando para aqueles que não sabem os procedimentos simbólicos . Ainda com os argumentos de KOVACS (2003) “Os ritos funerários abrem possibilidades do exercício coletivo, comunitário, favorecendo o compartilhamento de sentimentos.” Refletimos sobre a atividade. A experiência proporcionou a capacidade de perceber limites, delimitando novas fronteiras, e simultaneamente, capaz de superar com equilíbrio as dificuldades em lidar com os aspectos mortuários, amadurecendo em cada obstáculo.

A teoria aliada a pratica são desafios diários que todo o professor encontra em sala de aula. Foi possível tornar o processo da aprendizagem dinâmico, provocando o interesse nos alunos. Com certeza refletiu tanto no professor como na resposta da turma aos estímulos cognitivos que foram lançados em cada caminhada por entre túmulos e lápides, nomes desconhecidos, no entanto, naquele momento com significado coletivo.

Diante da construção de conhecimento a pesquisa, através da experiência coletiva, busca demonstrar a eficácia da saída de campo como método de ensino/aprendizagem aliada ao local escolhido: o cemitério. Segundo PASTORE (2013, p. 11) “A experiência pedagógica e seus resultados estabelecem vínculos com a realidade atual para que o educando realize suas conexões e formule suas considerações sobre os temas propostos”.

Durante a aula/visita (Fig. 01 e Fig. 02), os alunos são mediados, incentivados e provocados com proposições, deliberando processos mentais necessários para a construção e apreensão do conhecimento.



Fig. 01: Alunos no cemitério de Rio Grande/RS. (Foto realizada pela autora)



Fig. 02: Aula/visita Museu à céu aberto. (Foto realizada pela autora)

Os estímulos visuais (esculturas) e sonoros (silêncio) favorecem a apreensão da dimensão cognitiva advinda do evento educacional ocorrido em um espaço alternativo. Perceber esse movimento pode implicar na superação das dificuldades intelectuais que

acometem nossos jovens ao fazerem as relações necessárias para a vida.

Com base no conceito de aprendizagem significativa, RONCA, 2014 cita as contribuições de David Ausubel, no qual investiga e propõe princípios de não descartar o que o aluno tem em seu arcabouço intelectual de vivências, de saberes, que auxiliam na aprendizagem. Desta forma, saberes diversos constitui-se em estruturas cognitivas, no qual o conceito de medição, que se apresenta como elemento importante ao professor que deseja atuar com responsabilidade sobre os processos, permeia a investigação.

CONSIDERAÇÕES

Os resultados preliminares desse estudo apontam para a elaboração de um currículo interdisciplinar, com eixo temático transversal e interdisciplinar, considerando o cotidiano do educando e formas de aprender sobre a vida e a morte. Assinalam para a efetivação de educação patrimonial relacionada com o habitual e a história de uma sociedade, conduz ao exercício da afetividade e solidariedade, além de aspectos de apropriação e pertencimento, originando mudança comportamental em relação ao medo e estranhamento e criando vínculos com o espaço no qual foi realizada a experiência educacional.

Pensar um currículo que ofereça opções de explorar locais urbanos relacionados com a arte e a história in loco corrobora com a aprendizagem. Inclui a observação comportamental no que diz respeito ao deslocamento da sala de aula para um local invisível urbano repleto de tabu, sensações e percepções. Muitas são as possibilidades de aprendizado em um local que provoca o imaginário, estranhamento, medo e repulsa, assim tentar desconstruir esse tabu é estabelecer vínculos educativos.

A experiência na sala de aula proporciona oportunidade de observar o contexto escolar, as dificuldades, a aprendizagem e como o ensino de História e Arte se apresentam na rotina da escola pontuando desafios a serem superados, colocando o professor estagiário consciente da realidade que enfrentarão na tríade escola/aluno/professor com o conteúdo/interesse/aprendizagem.

Refletindo sobre a experiência no cemitério notamos que alguma prática social como o morrer se tornaram distantes dos adolescentes por motivos de proteção ou afastamento das

tristezas da vida, porem aproximar o jovem das questões da morte, tem a mesma importância da liberdade sexual. Nota-se que em menos de um século o assunto inverteu. Falava-se em morte com crianças e jovens por volta de 1900, mas não em sexo, e hoje, fala-se em sexo e negam aos jovens o conhecimento das questões sobre morte. Indagar os motivos desse afastamento poderá contribuir para entender essa mudança de comportamento da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2010 (Coleção Ideias em Ação – coordenadora: Ana Maria Pessoa de Carvalho).2010

ARIÉS, Phillippe. **História da morte no Ocidente: Da Idade Média aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

AZEVEDO, Patricia Bastos de. O desafio do ensino de História nas séries iniciais: a questão do nacionalismo. <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo5.pdf> acesso em 10.10.2014

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BELLOMO, Harry (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BITTENCOURT, Circe O saber histórico na sala de aula São Paulo

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BORGES, Maria Elizia; DOS SANTOS, Alcineia Rodrigues; GOMES, Larissa. **Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos**. Goiânia: UFG/FAW/Ciar/FUNAPE, 2010.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BRASIL (Ministério da Educação). **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília: ME, 1998

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares. Pluralidade cultural, Acessado em 10.10. 2014. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**, EDIPUCRS, 2002, 372 p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços**. In: (Org.:). MOTTA, Manoel Barros Michel Foucault. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**. Temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo: Fapesp, 2003.

LUCKESI, Carlos C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

OTOBELLI, Danúbia. **Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha : arte, história e ideologia / Danúbia Otobelli , Gissely Lavatto Vailatti – Flores da Cunha: Seculum, 2007.**

PASTORE, Maria Cristina. **A cidade dos mortos a cidade dos vivos: diálogos possíveis entre a escultura funerária e o cotidiano escolar**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Instituto de Letras e Artes – ILA, Artes visuais Licenciatura. 2013 disponível biblioteca virtual FURG

_____. Cemitério: Um lugar (in) explorado pelo ensino de arte. Acessado em 10.10.2014 <https://docs.google.com/file/d/0B9hrI7rJtjwqM0d2OXFKMIE0a0U/edit>

PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo- Contexto, 2009 .

RONCA, Antonio Carlos Caruso Teorias de ensino: a contribuição de David Ausubel http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413389X1994000300009&script=sci_arttext acesso em 22.10.2014

SANTOS, Milton, **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. Editora HUCITEC, São Paulo. 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2010